

## Oficina para pedagogas:

### A VIVÊNCIA DOS PARÂMETROS DO SOM MUSICALMENTE

**Jeimely Heep Bornholdt**

Universidade Federal do Paraná

[jeimely@gmail.com](mailto:jeimely@gmail.com)

**Joyce Cordeiro Heindyk Garcia**

Universidade Federal do Paraná

[joyceheindyk@yahoo.com.br](mailto:joyceheindyk@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este artigo apresenta uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória, que foi realizada com estudantes do curso de pedagogia de uma Universidade Federal do Paraná de Curitiba, que participaram de uma oficina na área de música, na Semana de Estudos Pedagógicos – SEPE, do curso. O problema de pesquisa que orientou a investigação seguiu o seguinte questionamento: As alunas de Pedagogia conhecem e compreendem os parâmetros do som? Uma oficina de curta duração pode contribuir para ampliar esse conhecimento? A pesquisa realizada teve o objetivo de analisar se as alunas de Pedagogia conhecem e compreendem os parâmetros do som e se o trabalho em uma oficina de curta duração, pode contribuir para ampliação desse conhecimento. A investigação envolveu 15 alunas do curso de Pedagogia, que participaram da oficina, na SEPE. Os dados foram coletados a partir de um questionário inicial e outro final, com perguntas abertas e fechadas que permitiram realizar a análise de discurso na perspectiva de Orlandi (2007). Os resultados da pesquisa revelaram que mesmo oficinas de curta duração, quando trabalhadas de maneira dinâmica, que envolvam os participantes a vivências musicais, podem contribuir para ampliar a aprendizagem musical.

**Palavras-chave:** Pedagogia; Educação Musical; Formação Musical.

### Introdução

As pessoas vivem em um mundo sonoro segundo Schafer (2011), ao acordar já se deparam com o som do despertador e diversos outros sons ao longo do dia. No contexto escolar não é diferente, as músicas fazem parte desse universo. As funções e modos de ouvir estão na música em sala de aula ou nas comemorações como: festa junina, dia da família, feira de ciências, dentre outras atividades desenvolvidas. Embora a música esteja presente nas escolas, não se tem conseguido ver esta musicalidade emergir de maneira formal e como uma arte e uma ciência nesse espaço. Se a música fosse considerada ciências, poderia

ampliá-la ainda mais. Percebe-se que a música é algo para se usufruir, curtir, dançar, cantar, tocar, mas não é algo para se saber.

Bellochio (2000) diz que o cenário histórico de música nas escolas do Brasil, mostra que a Educação Musical vinculou-se ora ao nacionalismo, ora ao *laissez-faire*, ora aos movimentos de criatividade, ora à tentativa de interdisciplinaridade com outras áreas artísticas.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais, a Música faz parte do eixo da disciplina de Arte, juntamente com os eixos da Dança, Teatro e das Linguagens Visuais. (BRASIL, 1997). Percebemos que na prática, a música vem sendo pouco trabalhada, podendo ser por diversos fatores, entre eles, pela falta de formação inicial dos profissionais que atuam nas escolas.

Com a Lei 11.769/08, o conteúdo de música passa a ser obrigatório nas escolas de Educação Básica, mas somente a lei não é garantia de que haja profissionais habilitados para trabalhar com a música. O professor unidocente, responsável pela formação inicial no primeiro nível de escolarização é responsável por todos os conteúdos, devendo estar apto a ensinar “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (BRASIL, 2006, p. 2). Segundo Bellochio e Weber (2016) podemos entender que: “devido às experiências curriculares vividas em seu processo de escolarização, o professor unidocente, construiu conhecimentos sobre estas diferentes áreas.” (Ibid. 2016, p.4). Porém, com relação as Artes, a música não fez parte da formação desses professores. Logo, é preciso que na formação inicial dos professores, eles tenham formação para desenvolver este trabalho, vivenciando e conhecendo a música de forma mais ampla e sua teoria, para melhorar suas práticas.

Percebe-se o mesmo nas dissertações de Werle (2010) e Correa (2008) que os conteúdos musicais, os quais não foram construídos ao longo de suas vidas, se tornam então uma dificuldade, visto que, na maioria dos casos, mesmo tendo uma bagagem de conhecimentos musicais não formais, esse professor não consegue vinculá-los com dimensões formais de ensino e aprendizagem. Assim, surge o questionamento: as alunas de pedagogia conhecem e compreendem os parâmetros do som? Uma oficina de curta duração pode contribuir para ampliar esse conhecimento?

A investigação deste artigo apresenta uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Teve como objetivo geral analisar se as alunas do curso de Pedagogia conhecem e compreender os parâmetros do som e se o trabalho em uma oficina de curta duração, pode contribuir para ampliação desse conhecimento.

A pesquisa foi realizada por meio de questionário inicial e final, com perguntas abertas e fechadas, com 15 estudantes de Pedagogia, em uma oficina ofertada na Semana de Estudos Pedagógicos – SEPE, com a duração de 4 horas de uma universidade na cidade de Curitiba.

## **A Música e professores unidocentes**

A música sempre existiu na escola de forma informal, as professoras trabalham ela durante vários momentos do ano. A pesquisa de Furquim (2008), investigou a educação musical nos cursos de pedagogia das Universidades do Rio Grande do Sul e relatou que muitas instituições não têm disciplina nessa área e mostra que as universidades que têm na matriz curricular possuem poucas horas, demonstrando a insuficiência da educação nos cursos de pedagogia. A pesquisa de Correa (2008) também afirma que:

A ausência de disciplinas específicas no campo das artes, especialmente em relação à música, nos cursos de Pedagogia, e a consequente falta de recursos e espaços destinados ao trabalho específico com a música, tende a ser fator excludente da introdução de um trabalho com música na escola mais elaborado. (CORREA, 2008, p. 97).

Em Storgatto (2011) em sua pesquisa percebe a “carências formativas com relação à educação musical na formação inicial das professoras que exercem à docência” (Ibid, 2011, p. 50). Assim, as pesquisas já nos mostram que é necessário formação para os professores unidocentes. Não excluimos o professor de música e sim acreditamos no trabalho em conjunto, conforme nos diz Oesterreich (2010, p.48): “de forma integrada e colaborativa com o professor especialista em música, com vistas a inserir a área no ambiente escolar de forma expressiva, promovendo um ensino musical significativo e contextualizado aos educandos.” Baseado nessas pesquisas sugerimos essa oficina, para alunos do curso de Pedagogia.

## Percurso Metodológico da Pesquisa

A investigação deste artigo busca analisar se as alunas do curso de Pedagogia conhecem e compreender os parâmetros do som e se o trabalho em uma oficina de curta duração, pode contribuir para ampliação desse conhecimento. Para realizar esta pesquisa foi escolhida a abordagem qualitativa, do tipo exploratória.

As pesquisas exploratórias de acordo com Gil (1999), são desenvolvidas com o objetivo de:

Proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1999, p. 43).

Sampieri, Collado e Lucio (2006) falam que os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um problema, um tema pouco estudado ou pouco abordado antes: “Investigação exploratória se realiza quando o objetivo consiste em examinar um tema pouco estudado”. (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 101).<sup>1</sup> Optou-se por esse tipo de pesquisa para descobrir o conhecimento prévio das estudantes de pedagogia quanto aos parâmetros do som e se a oficina aplicada poderia contribuir para esse conhecimento.

Na abordagem qualitativa, de acordo com Lüdke e André (2015, p.12): “é cada vez mais evidente o interesse que os pesquisadores da área de educação vêm demonstrando pelo uso das metodologias qualitativas”.

Nessa abordagem:

Todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a frequência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto (CHIZZOTTI, 2010, p. 84).

Para Flick (2004), os métodos qualitativos “consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermédia”. (FLICK,

---

<sup>1</sup> Tradução feita pelas pesquisadoras.

2004, p.22). Assim como o autor, entendemos que as subjetividades do pesquisador e dos que estão sendo estudados, são parte do processo de pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994), discutem o conceito de pesquisa qualitativa e apresentam cinco características básicas que configuram esse tipo de estudo:

- 1 Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...]
  - 2 A investigação qualitativa é descritiva [...]
  - 3 Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...]
  - 4 Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva [...]
  - 5 O significado é de importância vital na abordagem qualitativa [...]
- (BODGAN; BIKLEN, 1994, p.47-50).

Esta pesquisa é considerada qualitativa por ser realizada em ambiente natural e descrever todos os dados coletados.

Os dados foram coletados por meio de um questionário inicial e outro final, realizado após o término da oficina. Os questionários foram entregues impressos em folha sulfite para cada participante.

Para Chizzotti (2010):

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada. (CHIZZOTTI, 2010, p.55).

A análise dos dados será

descritiva, trazendo a análise de discurso na perspectiva de Orlandi (2007). “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2007, p.15).

A seguir, trataremos o processo de análise dos dados coletados na perspectiva de análise de discurso.

## Análise dos Dados Coletados

A análise dos dados é uma parte muito importante, nesta fase o pesquisador procura organizar e estruturar os dados para identificar um significado, um sentido que possa evidenciar as respostas da pesquisa. De acordo com Creswell (2014), a análise de dados:

[...] em pesquisa qualitativa consiste da preparação e organização dos dados (isto é, dados em texto como transcrições, ou dados em imagens como em fotografias) para análise, depois a redução dos dados em temas por meio de um processo de criação e condensação dos códigos e, finalmente, da representação dos dados em figuras, tabelas ou uma discussão. (CRESWELL, 2014, p.147).

Obtivemos 15 questionários respondidos pelas estudantes que cursam Pedagogia. Para realizar a análise dos dados, foi preciso ler e reler os questionários (inicial e final), procurando trazer o dito em relação ao não dito, como fala Orlandi: “procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2007, p.59).

Os dados foram organizados em seis dispositivos analíticos, são eles:

- a) Identificação dos participantes;
- b) Conhecimento de timbre;
- c) Conhecimento de altura do som;
- d) Conhecimento de duração;
- e) Conhecimento de intensidade;
- f) Pontos positivos e negativos da oficina.

As participantes serão denominadas por siglas como E1 – para estudante 1, respeitando o sigilo da pesquisa. Quanto ao perfil das participantes, todas são do sexo feminino, por isso descrevemos esta pesquisa no gênero feminino.

a) IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES:

Podemos observar no quadro 1, que treze participantes estão na faixa etária de 17 a 20 anos, uma se encontra com 24 anos e uma com 31 anos. Sete iniciaram a graduação neste ano de 2017, se encontrando no primeiro período, quatro estão no 3º período, três estão no 5º período e uma iniciou a graduação em 2014.

**Quadro 1:** Perfil das participantes

| Estudantes | Idade   | Período da graduação | Cursou a disciplina de Arte/Música na graduação | Toca algum instrumento |
|------------|---------|----------------------|---|------------------------|
| E1         | 17 anos | 1º período           | Não   | Sim – sax e violão     |
| E2         | 17 anos | 1º período           | Não   | Sim – piano            |
| E3         | 18 anos | 1º período           | Não   | Não                    |
| E4         | 18 anos | 1º período           | Não   | Não                    |
| E5         | 19 anos | 1º período           | Não   | Não                    |
| E6         | 19 anos | 1º período           | Não   | Sim - piano            |
| E7         | 24 anos | 1º período           | Não   | Não                    |
| E8         | 20 anos | 3º período           | Não   | Não                    |
| E9         | 19 anos | 3º período           | Não   | Não                    |
| E10        | 18 anos | 3º período           | Não   | Não                    |
| E11        | 20 anos | 3º período           | Não   | Não                    |
| E12        | 19 anos | 5º período           | Sim   | Sim – teclado          |
| E13        | 19 anos | 5º período           | Sim   | Não                    |
| E14        | 20 anos | 5º período           | Sim   | Não                    |
| E15        | 31 anos | 2014                 | Não   | Não                    |

FONTE: Dados coletados pelas pesquisadoras (2017).

Sobre cursar a disciplina de Arte/Música na graduação, somente duas estudantes já cursaram. A estudante 15 (E15), embora tenha colocado que entrou na graduação em 2014, marcou que não cursou esta disciplina. Quatro entrevistadas dizem que tocam algum instrumento, já tendo conhecimentos mais específicos na área.

Ainda procurando conhecer o perfil das participantes, perguntamos se elas se sentiam preparadas para trabalhar/ensinar música. Obtivemos as seguintes respostas (QUADRO 2).

## Quadro 2: Preparação para ensinar música

| ESTUDANTES | Você se sente preparada para trabalhar/ensinar música? Por que?   |
|------------|---|
| E1         | Não.  |
| E2         | Não. Sempre fui muito voltada para o lado musical, mesmo em aulas sem música, eu envolvo a música.                                |
| E3         | Não. Porque eu não sei a respeito sobre sons específicos e a música é um campo muito abrangente então tenho muito o que aprender. |
| E4         | Sim. Trabalho com crianças na igreja desde pequena e sempre utilizamos a música.  |
| E5         | Não. Porque não tive um preparo para essa disciplina.   |
| E6         | Não. Porque meu conhecimento é básico e limitado.   |
| E7         | Não. Não possuo conhecimento suficiente para ensinar.   |
| E8         | Não. Porque não tenho o conhecimento para ensinar/trabalhar.  |
| E9         | Não. Porque não tenho uma base para isso.   |
| E10        | Não. Não me aprofundei na área.   |
| E11        | Não. Pois não tenho habilidade para isso.   |
| E12        | Não. Porque não sinto que estudei o suficiente a música para ensiná-la, mas pretendo.   |
| E13        | Não. Não tenho nenhum conhecimento musical.   |
| E14        | Não. Por não ter muito embasamento/conhecimento sobre música e educação.  |
| E15        | Não. Preciso me preparar com formação a respeito e melhorar o repertório.   |

FONTE: Dados coletados pelas pesquisadoras (2017).

Percebemos nos discursos das estudantes, que apenas uma se considera preparada para trabalhar a música na escola, mas seu conhecimento não veio da formação universitária e sim do trabalho que já desenvolve na igreja.

*“Sim. Trabalho com crianças na igreja desde pequena e sempre utilizamos a música”.* (E4).

Percebe-se também que as alunas que anteriormente citaram que tocam algum instrumento dizem não estarem preparadas para ministrar aulas de música mesmo executando um instrumento harmônico como piano, violão, teclado.

Mesmo as estudantes que já cursaram na universidade a disciplina de Arte, não se consideram preparadas para ensinar a música. Neste discurso, percebemos o quanto é preciso avançar em termos de formação inicial dos professores, pois, mesmo as estudantes tendo cursado uma disciplina que envolveu a música, não foi suficiente para que se sentissem preparadas a desempenhar a disciplina na escola. Percebe-se esse mesmo fenômeno nas pesquisas de Werle (2010) e Araújo (2012).

### b) CONHECIMENTO DE TIMBRE:



Para identificar a concepção que as estudantes tinham de timbre, fizemos uma pergunta fechada, com quatro alternativas de respostas, sendo elas:

- (a) *É a qualidade que se refere aos sons agudos (finos) e aos sons graves (grosso).*
- (b) *Diz respeito a força com que se produz um som – Forte ou Fraco, crescendo ou diminuindo a força.*
- (c) *Sons curto e sons longos.*
- (d) *O que podemos distinguir o som de cada instrumento, vozes de pessoas ou animais e outras fontes sonoras.*

No questionário inicial obtivemos 7 respostas corretas, que assinalaram a opção (d), dizendo que timbre é o que nos faz distinguir o som de cada instrumento, vozes de pessoas ou animais e outras fontes sonoras. E 8 estudantes erraram essa questão. Após a realização da oficina obtivemos 11 acertos, mostrando que quatro estudantes puderam ampliar seus conhecimentos nesse parâmetro.

#### c) CONHECIMENTO DE ALTURA DO SOM:

Para responder este dispositivo analítico, foi feita a seguinte pergunta - O que é altura do som? Às alternativas de resposta eram:

- (a) *É a qualidade que se refere aos sons agudos (finos) e aos sons graves (grosso).*
- (b) *É o ritmo da música.*
- (c) *Diz respeito a força com que se produz um som – Forte ou Fraco, crescendo ou diminuindo a força.*
- (d) *O que podemos distinguir o som de cada instrumento, vozes de pessoas ou animais e outras fontes sonoras.*

No questionário inicial 5 estudantes responderam corretamente a opção (a), dizendo que altura do som é a qualidade que se refere aos sons agudos (finos) e aos sons graves (grosso) e 10 estudantes erraram a resposta. No questionário final obtivemos 9 acertos e 6 erros, mostrando que quatro estudantes conseguiram aprofundar seus conhecimentos diferenciando o que é altura do som.

#### d) CONHECIMENTO DE DURAÇÃO:

Para entender a compreensão das estudantes de pedagogia sobre duração do som perguntamos – O que é duração? As alternativas de respostas foram:

- (a) *É o pulso da música.*
- (b) *Sons curto e sons longos.*
- (c) *Diz respeito a força com que se produz um som – Forte ou Fraco, crescendo ou diminuindo a força.*
- (d) *É a qualidade que se refere aos sons agudos (finos) e aos sons graves (grosso).*

No questionário inicial 9 estudantes responderam corretamente marcando a opção (b), que duração refere-se a sons curtos e sons longos e 6 estudantes erraram a resposta. Após a oficina, todas as estudantes acertaram a resposta. Esses dados apontam que 6 estudantes conseguiram compreender o parâmetro de duração do som, após pequenas vivências de práticas na oficina.

e) CONHECIMENTO DE INTENSIDADE:

Foi perguntado nos questionários o que é intensidade do som. As estudantes tiveram as seguintes alternativas de resposta para marcarem:

- (a) *É o pulso da música e ritmo da música.*
- (b) *Sons curto e sons longos.*
- (c) *Diz respeito a força com que se produz um som – Forte ou Fraco, crescendo ou diminuindo a força.*
- (d) *É a qualidade que se refere aos sons agudos (finos) e aos sons graves (grosso).*

No questionário inicial 7 acertaram a pergunta marcando a alternativa (c), que fala que intensidade diz respeito a força com que se produz um som – forte ou fraco, crescendo ou diminuindo a força; e 8 erram essa questão. Após a oficina, 10 estudantes acertaram a resposta, mostrando que 3 delas conseguiram ampliar seus conhecimentos.

f) PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DA OFICINA:

Para este dispositivo analítico, foi feita uma pergunta aberta, ao final da oficina, pedindo para que descrevessem os pontos positivos e negativos da oficina. Quanto aos pontos negativos, 10 estudantes deixaram a questão em branco e 5 responderam que não houve pontos negativos na oficina.

Nos pontos positivos, os discursos mostram que a oficina contribuiu para aperfeiçoar o conhecimento na área de música: “Contribuiu dando uma base para sabermos as notas musicais e tal”. (E5, 2017). “Ajudou a concretizar e entender melhor os conceitos musicais e aprender práticas que podem ser usadas com crianças”. (E6, 2017). “Aprendi pontos principais sobre música e formas de inseri-la em sala de aula”. (E10, 2017). “Conheço um pouco mais sobre instrumentos e os componentes de uma música”. (E11, 2017). “Para ter contato e aprender mais tecnicamente a música”. (E14, 2017).

Outros pontos positivos que apareceram nos discursos foram em relação a contribuição em atividades, métodos de ensino para o professor desenvolver em sala de aula: “Nossa, foi incrível! Amei as dicas de músicas, brincadeiras e métodos, assim poderei coloca-las em prática”. (E3, 2017). “Conheci diferentes dinâmicas para contribuir para a interação dos meus futuros alunos e métodos fáceis para ensinar música”. (E4, 2017). “Aprender métodos para ensinar linguagens sonoras, brincadeiras + teorias”. (E7, 2017). “Me ajudou a uma maneira de colocar a música em sala de aula”. (E9, 2017). “Atividades práticas que podem ser usadas em práticas docentes”. (E12, 2017).

Apareceram também nos discursos, como pontos positivos, a ludicidade e dinamismo, o relembrar e o reforçar conhecimentos, o aprender atividades legais e um elogio: “Ludicidade, novos conhecimentos, dinamismo e dicas de confecção de recursos”. (E15, 2017). “Me fez relembrar coisas que já havia visto a muito tempo e mostrou formas divertidas para o ensino de música”. (E8, 2017). “Reforcei o que já sabia e desenvolvi novas ideias, amei, parabéns e um mega obrigada!”. (E2, 2017). “Sim, aprendi várias atividades legais”. (E13, 2017). “Maravilhoso”. (E1, 2017).

## Considerações Finais

Relembramos o problema de pesquisa: as alunas de pedagogia conhecem e compreendem os parâmetros do som? Uma oficina de curta duração pode contribuir para ampliar esse conhecimento?

Os dados apontam que menos da metade das estudantes não conhecem e compreendem os seguintes parâmetros do som: timbre, altura e intensidade. Quanto ao parâmetro da duração, 9 estudantes dentre as 15 conhecem o seu conceito, mostrando que a duração é o parâmetro mais conhecido das estudantes de Pedagogia.

Quanto ao segundo questionamento sobre se uma oficina de curta duração pode contribuir para ampliar esse conhecimento, os dados apontam que sim. Em todos os parâmetros do som, houve avanços no conhecimento das estudantes. Isto mostra que mesmo oficinas de curta duração, quando trabalhadas de maneira dinâmica, que envolvam os participantes a vivências musicais, podem contribuir para ampliar a aprendizagem. Referindo se a outras áreas porem a música os alunos não tiveram de forma formal em sala de aula por isso tanta dificuldade

De modo geral “podemos entender que, devido às experiências curriculares vividas em seu processo de escolarização, o professor unidocente, construiu conhecimentos sobre estas diferentes áreas.” (BELLOCHIO; WEBER, 2016, p. 4).

Podemos destacar o parâmetro da duração do som, que após a realização da oficina, todas as estudantes acertaram seu conceito.

Os discursos das estudantes mostram que a oficina contribuiu para aperfeiçoar o conhecimento na área da música; para reforçar e relembrar alguns conhecimentos pessoais; ampliou o conhecer de atividades, métodos de ensino para sala de aula; bem como a ludicidade e o dinamismo.

Este artigo nos faz refletir sobre a importância do trabalho com a música na formação inicial de estudantes de Pedagogia, para que estes saiam capacitados a trabalharem com a música na escola.

## Referências

ARAÚJO, Gabriela da Ros de. *Formação continuada em música: reconstruindo conhecimentos musicais e pedagógico-musicais com professores unidocentes*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. *A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor*. 423 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2000.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; WEBER, Vanessa. Professor unidocente e ensino de música: reflexões a partir de Pesquisas do FAPEM. In: Fórum Internacional de Educação, 2016, Santa Cruz do Sul. *Anais*. Disponível em <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14957/3338>>. Acesso em: 05 mar 2018.

BODGAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Codex, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006.

BRASIL. *Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Brasília: Presidência da República, 2008.

CORREA, Aruna Noal. *Programa LEM: Tocar e Cantar: um estudo acerca de sua inserção no processo músico-formativo de unidocentes da Pedagogia/UFSM*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso, 2014.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FURQUIM, Alexandra Silva dos Santos. *A formação musical de professores em cursos de pedagogia: um estudo das universidades públicas do RS*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2015.

OESTERREICH, Frankiele. *A história da disciplina de música no curso de Pedagogia da UFSM (1984-2008)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. *Metodología de la investigación*. 4. ed. México: McGraw – Hill, 2006.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

STORGATTO, Sabrina Silveira Spanavello. *Educação infantil e educação musical: um estudo com pedagogas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

WERLE, Kelly. *A música no estágio supervisionado da Pedagogia: uma pesquisa com estagiárias da UFSM*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, 2010.